

DIANA POLICARPO

03.06.2020 | 01.08.2020

OVERLAY

Por camadas

Na língua inglesa, a acção de cobrir qualquer coisa ou objecto com uma determinada camada de qualquer coisa é definida como "to overlay". A mesma expressão, usada não como verbo mas na sua condição de substantivo (overlay) define essa mesma camada de qualquer coisa que cobre outra coisa. E, no universo da computação, o mesmo conceito sumariza o processo através do qual se transfere um bloco de código ou de informação para a memória interna, substituindo o conteúdo originalmente gravado.

Diana Policarpo apresenta-nos a sua primeira exposição individual na Galeria Lehmann+Silva, no Porto, sob o título "Overlay" e, como é habitual no seu trabalho, propõe-nos um interessante e desafiante mergulho num território novo, que se organiza tanto espacial quanto temporalmente, justamente em "overlay", por camadas. Ao entrarmos na Galeria somos convidados a entrar num determinado universo: um mundo onde matéria visual e matéria sonora se cruzam, onde um conjunto de sistemas de linguagem se combina, onde diferentes dimensões geográficas e cronológicas se interligam e onde, diríamos, as condições perceptivas definidas pela artista condicionam mas estimulam, simultaneamente, todo e qualquer processo de produção de sentido.

Inaugurando a presença da linguagem escrita na produção da sua obra, propõe-nos a leitura de um pequeno conto Sci-Fi (criado em colaboração com Lorena Muñoz-Alonso), com o título "The Living Currency" (citando o ensaio de Pierre Klossowski de 1970), e que introduz, neste novo contexto, uma série de questões já caras à investigação de Diana Policarpo: a recuperação de uma ideia de acolhimento e hospitalidade, a comunicação e as diferentes formas de codificação dos processos comunicacionais, a urgência climática, as mutações genéticas e a presença viral enquanto ameaça à preservação das espécies e da vida, as trocas energéticas e as manifestações da presença e da transformação da energia, a recuperação de modos técnicos pré-existentes e a criação de novas tecnologias de suporte e, sempre, os factores sócio-económicos subjacentes e que estão implicados em todos estes processos.

A apropriação de formas pré-existentes surge-nos através de uma série de serigrafias e de um conjunto de esculturas de metal, quase desenhos, simplificações das formas originais referentes a um conjunto de artefactos utilizados em cerimónias potlatch ou como moeda de troca por comunidades indígenas dos territórios americanos do norte (cerimónias de distribuição de propriedade e oferendas para afirmar

DIANA POLICARPO

03.06.2020 | 01.08.2020

ou reafirmar o estatuto social, e que Marcel Mauss classificou como 'prestações totais do tipo agonístico'). Estas esculturas em metal ocupam o espaço como que propondo uma espécie de novo alfabeto de formas, recordando-nos o sentido da oferta, da troca e as suas implicações no tecido social, os consecutivos processos de valorização e desvalorização a que os bens estão sujeitos e a sua desvirtuação ao longo dos processos históricos de colonização e descolonização. A ideia de valor, de capital e o seu questionamento por parte de diversos autores tem interessado à artista, não sendo alheia a recuperação da proposta de Bataille (no seu "The Accursed Share, Vol. I") mais tarde fundadora para Michel Serres (em "The Parasite") que apresenta o Sol como último capital, como último valor, como derradeiro bem.

As alterações luminicas que introduz no espaço, onde os vários elementos procuram estabelecer relações dialógicas, promovem, simultaneamente, uma alteração perceptiva no campo da visualidade, mas também no campo da sensorialidade, conferindo ao espaço uma vibração e uma temperatura falsas, artificiais mas propiciadoras da evocação do elemento solar que referimos anteriormente. O som proveniente do vão da escada conduz o espectador à sala do piso -1. Ali encontramos "The Ultimate Capital is the Sun", uma composição sonora realizada pela artista a partir de recolhas de sons provenientes de arquivos sonoros online (NASA, Thomas Aschcraft) que conservam sonificações (versões sonoras geradas a partir de informação computacional) de matéria solar recolhida por cientistas.

As modificações e transformações da energia, as mudanças de estado das matérias, os processos alquímicos, as alterações formais dos valores, as mudanças de valor dos bens e o modo como essas alterações de valor alteram a experiência, a percepção, e condicionam as relações de poder, a forma como a energia se move, é gerada e transformada nos seus diferentes estados físicos e tecnológicos, são questões implicadas no pensamento crítico e criativo de Diana Policarpo. As várias camadas que cobrem os objectos presentes na exposição (e a forma como se constituem essas camadas, elas próprias, como matéria em exposição) resultam da sua investigação e de uma posição crítica engajada que assume o trabalho artístico enquanto plataforma exploratória no processo de produção do conhecimento.

Ana Anacleto
Março 2020

Diana Policarpo gostaria de agradecer a Lorena Muñoz-Alonso, Afonso Simões, João M. Machado, Ana Anacleto, João Cáceres Costa, Alexandre Ramos, Mário Ferreira da Silva, Claudia Carrasqueira, Frederick Lehmann, Paula Vieira, Thomas Ashcraft, João Chaves, André Torres, Renato Ferrão, Hernâni Costa Miranda, JC Sampaio e Rodrigo Neto.